

O método zambraniano como caminho possível de uma arte poética da tradução: considerações sobre a prática tradutória no âmbito da hermenêutica filosófica

Flavia Renata Quintanilha*

A metáfora figura como um dos temas mais estudados na teoria literária e também na teoria da tradução. Em uma abordagem livre podemos pensar a metáfora como um artifício usado tanto pelo autor como pelo tradutor para apresentar algo carregado de sua poética. Este tema já esteve em vários estudos acerca da fidelidade ou licença poética para a criação no âmbito do fazer tradutório. Pretendemos, neste estudo, sinalizar a possibilidade de se pensar a tradução e a natureza de sua *praxis*, através do que chamamos de teoria da imaginação, apresentada como o Método proposto pela filósofa María Zambrano. Nesse sentido, iremos pensar a tradução usando seu maior recurso, a metáfora, a qual tem como fonte a razão poética em Zambrano e como resultado a inovação semântica em Paul Ricoeur. Partimos do pressuposto que a metáfora é o elemento fundamental ao objetivo central da poética, a conversão do imaginário e, sobretudo, o que está no centro do método zambraniano e da hermenêutica filosófica. Assim, neste artigo, apresentaremos um percurso elementar para que possamos aplicar tal possibilidade em uma tradução, iniciando pelo elemento principal da hermenêutica filosófica, a compreensão a qual tem tratamento distinto entre Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur através dos conceitos de fusão de horizontes e hospitalidade linguística; desvelando uma possível aproximação do que compreendemos ser a autonomia da imaginação de

* UFSC/PGET e Universidade de Coimbra.

Zambrano com a proposta de hospitalidade linguística e a inovação semântica de Paul Ricoeur; e por último a abordagem da teoria da imaginação como o método zambraniano e sua aplicação na prática tradutória, através da análise de um fragmento do texto *Amo mi exílio* e do poema [5] de autoria da filósofa.

Compreender é traduzir

Muitos teóricos se voltaram para o mecanismo do mundo intertextual evocado pela leitura e seu processo interpretativo e entre eles podemos destacar os críticos literários alemães Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser – ambos intentaram discutir o papel do leitor frente ao literário, mas já sem a apologia desse papel como romantizado e totalmente autônomo. Conforme Iser (1999, p. 4), “os significados em textos literários são, principalmente, gerados no ato da leitura; são o produto de uma difícil interação entre o texto e o leitor e não qualidades ocultas no texto”. Em uma busca hermenêutica pelo entendimento da relação texto/leitor e tomando caminho oposto aos teóricos alemães, Ricoeur propõe recuperar a importância do texto para a validação da produção dos sentidos dos textos de modo a ultrapassar as análises exclusivamente linguísticas do fenômeno literário. Considerando tanto a prosa quanto a poesia, Ricoeur pensa a interação ficcional da leitura e vai além ao empreender seu estudo sobre a extensão da interpretação e do discurso figurativo, na possibilidade de reescrever a realidade atendendo desde a poesia até a filosofia. Paul Ricoeur aceita o discurso figurativo como fonte de novos significados, como explica em sua conferência *Rhétorique – Poétique – Herméneutique*, de 1986. Este é o elemento fundamental de seu livro *A metáfora viva*, 1975, a *inovação semântica*, o procedimento capaz, segundo o filósofo, de definir e valorizar o papel de distorção ou desvio assumido pelo discurso.

No terceiro e no sexto estudo em *A metáfora viva*, Paul Ricoeur considera que a metáfora, ao ser apresentada como inovação semântica, desempenha um papel como teoria da argumentação, em relação à retórica, e como tragédia, para a poesia e o drama. Para ele a transição entre o nível semântico e o nível hermenêutico apresenta esta inovação como uma nova pertinência semântica ao rever o conceito de semelhança e colocá-lo em ação. Nesse sentido, Ricoeur refuta Roman Jakobson sobre a indissociabilidade da semelhança à teoria da substituição e propõe deixar

de ver na imaginação uma função da imagem, no sentido quase sensorial da palavra e passa a considerá-la como um "ver como...", como um aspecto da operação propriamente semântica que consiste em perceber o semelhante no dessemelhante. A inovação semântica, portanto, ao ser apresentada como metáfora constitui o elemento que reescreve a realidade por ter uma função referencial, ontológica e criativa. Referencial, por se tratar da função poética que tal elemento carrega; Ontológica, por referir-se ao significado em si mesmo e toda sua complexidade; Criativa, por ampliar o seu campo semântico (sentido e significado).

Entretanto, há uma tensão em jogo com relação à compreensão que se evidencia na discussão de Ricoeur sobre a tradução, sobretudo na comparação com os comentários de Gadamer sobre este tema. Em seu livro, *Sur la Traduction* (2004), Ricoeur salienta que entre duas línguas existe uma "irredutibilidade" (*Ibid.*, p. 19), e uma "diferença intransponível" (*Ibid.*, p. 18, 31). Para ele, uma tradução tenta a equivalência ou correspondência, mas nunca atinge a adequação. A equivalência é algo que só pode ser buscada, porque não temos base para reivindicar na tradução uma identidade de significado. Não podemos reivindicar identidade de significado porque entre os textos de partida e de chegada não há um terceiro texto que possa atuar como fonte comum para o significado de cada um dos textos. Em outras palavras: não há um terceiro texto subjacente; não há um horizonte, uma tradição, uma história, uma língua. Entre o texto original e a tradução, não temos uma medida de significado ou compreensão independente e fundamentada. A natureza da equivalência é "produzida pela tradução e não pressuposta por ela" (*Ibid.*, p. 35). Ricoeur continua argumentando que os mesmos problemas encontrados na tradução entre idiomas também estão presentes em qualquer comunidade linguística. No diálogo interno entre línguas, o significado idêntico não pode ser encontrado. Nós, de fato, não mantemos uma linguagem, significado, história, tradição ou horizonte comum. Nossa condição humana é de "multiplicidade em todos os níveis de existência" (*Ibid.*, p. 33). Ao contrário de Gadamer, a compreensão não é um produto da comunalidade, seja ela pressuposta ou supostamente criada dialogicamente. Ricoeur concorda com George Steiner, quando equipara todo ato hermenêutico a um ato de tradução, ou seja, a compreensão é a

tradução. A tradução torna-se um modelo para a hermenêutica, ou ainda, a intuição é para Ricoeur uma questão de interpretação (KEARNEY, 2006).

A natureza do entendimento

Ao relacionarmos a compreensão com a própria tradução, consideramos este um ponto fundamental em nossa tese, a qual investiga a possibilidade do processo tradutório depender e se fundar na teoria da imaginação, o que veremos mais adiante. Retomando Ricoeur e o que foi exposto, concordamos que a natureza do entendimento é metafórica. Este posicionamento distingue-se daquele posto por Gadamer em que o entendimento faz parte do conceito de fusão de horizontes, mas que de alguma maneira é inspiração para a proposta de hospitalidade linguística¹ apresentada por Ricoeur. Para Gadamer todo entendimento é aplicação, uma inter-relação de um todo a uma nova parte.

O problema hermenêutico não é, portanto, um problema de domínio correto da língua, mas do entendimento certo sobre o assunto que se dá por meio da linguagem. (...) a exigência da fidelidade imposta à tradução não pode suprimir a diferença entre uma língua e outra (...) O entendimento implica que os interlocutores estejam dispostos a ele e procurem fazer valer em si mesmos o estrangeiro e o oposto. (GADAMER, 2002, p. 239, 241, 243)

Com isso, Gadamer acredita que a fusão de horizontes é capaz de superar a distância entre os elementos para permitir que ocorra a compreensão. “A linguagem é antes o meio universal no qual procede a compreensão mesma, a forma pela qual procede a compreensão e a interpretação” (GADAMER, 2002, p. 247). George H. Taylor (2011) defende que o momento de aplicação – “conceito nuclear da Hermenêutica Filosófica de H.-G. Gadamer, com o qual filósofo critica o modelo gnosiológico e romântico da interpretação” (PORTOCARRERO, 2010, p. 2) – é melhor descrito como metafórico, e que a apreciação do caráter da metáfora, de fato, torna mais inteligível e precisa a operação de aplicação. A aplicação não supera a distância, mas estabelece uma relação metafórica,

¹RICOEUR, 2004, p. 52: (...) parece-me que a tradução não implica apenas um trabalho intelectual, teórico ou prático, mas também um problema ético. Levar o leitor ao autor, levar o autor ao leitor, com o risco de servir e de trair os mestres, é praticar o que gosto de chamar de *hospitalidade linguística*.

uma “nova pertinência entre os termos, apesar de sua ‘distância’ entre si” (RICOEUR, 1975, p. 246, tradução nossa²). O significado metafórico, escreve Ricoeur, tem o caráter de semelhança: a metáfora revela a estrutura lógica do semelhante porque, no enunciado metafórico, o semelhante é percebido apesar da diferença, apesar da contradição. A semelhança, portanto, é a categoria lógica correspondente à operação predicativa em que a aproximação encontra a resistência do estar distante. Em outras palavras, a metáfora realiza o trabalho da semelhança porque a contradição literal preserva a diferença dentro da afirmação metafórica, ou seja, igual e diferente não são apenas misturados e juntos, eles também permanecem opostos. Por esse traço específico, o enigma vive no seio da metáfora. Na metáfora, o mesmo opera apesar do diferente. Na metáfora, continua Ricoeur, “a identidade e a diferença não se fundem, mas se confrontam” (*Ibid.*, p. 199). A metáfora não cria uma fusão, uma unidade, um horizonte único. Nenhuma linguagem comum subjaz à metáfora ou é criada pela metáfora, porque a diferença é sempre mantida. Não há um terceiro texto, nada literal que assegure ou force a comunhão em toda a relação metafórica. Semelhança metafórica, diz Ricoeur, é a instância que possibilita que “o local do choque entre igualdade e diferença” (*Ibid.*, p. 196) permaneça intacto ou vivo. Consequentemente, se a compreensão é fundamentalmente metafórica, ela participa da mesma tensão irreduzível de semelhança e diferença encontrada na metáfora (TAYLOR, 2011), pois são criados do mesmo elemento racional e poético. Há, portanto, uma distinção entre Ricoeur e Gadamer sobre como articulam a metáfora em suas teorias e nos elementos pertinentes à relação metafórica de cada uma delas. Na interpretação de Weinsheimer (1991), o processo metafórico que ocorre na fusão de horizontes proposta por Gadamer não é de subsunção a um conceito comum subjacente, tampouco a de um horizonte ao outro. A metáfora é um caminho intermediário entre conhecimento absoluto e diferença insuperável. “A metáfora consiste em uma indiferenciação em que a diferença permanece operante. Justamente esse paradoxo é o que Gadamer entende por fusão de horizontes” (*Ibid.*, p. 85, tradução nossa³).

2“Ce qui fait la nouvelle pertinence, c'est la sorte de 'proximité' sémantique qui s'établit entre les termes en dépit de leur 'distance'.”

3“Metaphor consists in a non differentiation in which difference /remains operative. Precisely this paradox is what Gadamer means I by the fusion of horizons.”

Entretanto, para Ricoeur, não há um texto intermediário, algo que possa ocupar este hiato entre textos. Uma das maneiras apresentada por Ricoeur é a invenção de uma nova intriga – como propõe em *Temps et Récit* em seu estudo sobre a Poética de Aristóteles – que é possível através da inovação semântica a qual atua também como síntese:

Virtude da intriga, objetivos, causas, acasos, são reunidos sob a unidade temporal de uma ação total e completa. É esta síntese do heterogêneo que aproxima a narrativa da metáfora. Nos dois casos, o novo - o ainda não-dito, o inédito - surge na linguagem: aqui a metáfora viva, isto é, uma nova pertinência na predicação, ali uma intriga fingida, isto é, uma nova congruência no agenciamento dos incidentes. (RICOEUR, 1994, p. 10)

A necessidade de uma hospitalidade linguística age, portanto, como um espaço aberto à realização da metáfora viva como a própria ação hermenêutica.

Para além da hermenêutica filosófica

É longo e diverso o caminho que nos leva a considerar uma tradução como arte. Ao pensarmos sobre a afirmação “tradução é arte”, podemos encará-la sempre como uma questão. Não como um problema, apesar de ser possível ser tomada desta maneira pela filosofia. Mas como a pergunta que se apresenta, mesmo por trás de uma aparente afirmação. Pois unir na mesma frase termos tão vastos, ou conceitos, como tradução e arte nos faz imediatamente pensar: Tradução é arte? Se nos aventássemos a responder esta questão pensando a arte como Aristóteles propôs, arte como técnica, seria então nosso trabalho aqui traduzir a técnica de desvelar lados em determinados pares linguísticos. Nesse sentido, a máquina tradutória que escolhesse o melhor substituto em outra língua faria desse ofício o objeto de arte perfeito ao final da tradução. Mas traduzir não se refere apenas a substituir palavras ou equiparar conceitos em línguas específicas. Ir ao cerne da questão é aceitar o pressuposto hermenêutico de que tudo é tradução, que compreender é traduzir e traduzir requer uma atividade orgânica de aplicação da arte poética. Não se trata apenas de escolher a melhor palavra e substituí-la numa sequência específica. A cada tradução feita, há uma ação que possibilita este fazer e que carrega uma realização viável pelo caminho que direciona à clareira do bosque, lugar este

delineado pela filósofa María Zambrano como o espaço real, no qual se acessa a criação da palavra através da razão poética. É ela, a razão poética, o manancial infinito de criação que se faz possível manifestar por palavras a essência de cada coisa existente na realidade, ou iluminar com palavras a alma das coisas.

Ao adentrarmos, como tradutores, na realidade do texto, acionamos esta razão que é própria humana e só assim conseguimos deixar nascer o novo texto na língua de seu tradutor. É uma maneira, com e pela razão poética, de se colocar na clareira da mensagem expressa pelo texto de partida e trazê-lo à luz através do texto de chegada. Evidentemente, isto não se dá apenas em pares linguísticos, em traduções interlinguísticas, mas também em traduções de gêneros, como vemos na tradução intersemiótica.

O processo ao qual me refiro, e que defendo em minha tese de doutorado que está em curso, é de que podemos pensar teoricamente as traduções, no âmbito da filosofia da tradução, considerando a teoria da imaginação proposta por María Zambrano, elaborada a partir de seu método.

(...) a experiência humana mais básica tem caráter de revelação, embora apenas reitere o que muitas vezes é conhecido. Porque nada é conhecido permanentemente. (...) Embora seja verdade que cada pensamento individual, por mais íntimo que seja, por mais profundo que brote na fonte da vida pessoal, responde ao pensamento total, sem que isso seja um obstáculo para que todo o pensamento ou que todos os pensamentos sejam incorporados e amplamente ignorados. O pensamento que é experiência renasce da ignorância e do esquecimento. Na plenitude do conhecimento nada pode surgir por si só. (ZAMBRANO, 1989, p. 16, tradução nossa⁴)

Qualquer experiência, a mínima experiência, tem elementos de revelação, pois nada se sabe de modo permanente. O pensamento/experiência renasce da ignorância e da dúvida, uma

4“(...) la más elemental experiencia humana tienes caracteres de revelación, aunque solamente reitere lo muchas veces sabido. Porque nada se sabe de modo permanente. (...) Aunque bien es verdad que todo pensar individual, por muy íntimo que sea, por muy de adentro de la fuente del vivir personal que brote, responde al pensamiento todo, sin que sea obstáculo para ello que el pensamiento todo o que todos los pensamientos sean en gran parte ignorados. El pensamiento que es experiencia renace de la ignorancia y del olvido. En el lleno del saber nada puede brotar por sí mismo.”

espécie de sombra clara, o tímido reflexo do nada criador a qual tentamos alcançar, mas onde nunca chegamos. Ao nos aproximarmos a ela, alcançamos o absoluto, mas nunca pela lógica. A experiência precede todo método, mas o método está desde logo na experiência.

Nesse sentido, compreendemos o método zambraniano não como um caminho a ser seguido e pelo qual observaremos as coisas, mas como o próprio caminhar poético ao desvelar o texto. María Zambrano entende o método como a razão circular da vida, um método que se faz pela experiência, a qual não se faz sem um método. Para ela, a base fundadora de todo início é o amor. Enquanto os filósofos iniciam seu trabalho a partir de um problema, Zambrano começa tudo pelo amor e este amor só é percebido pela falta. Portanto, o fundo originário da vida, que é o amor, representa o *logos* para Zambrano. A inteligência que ama gera tudo o que há vida. Eis o princípio do método zambraniano, o viver. Em outras palavras, o princípio do método de viver é entrar na realidade. Em contrapartida, o cômputo da existência é dar-se uma forma e esta forma é dada pela palavra. O sentimento e a confiança é que nos qualifica a estar no mundo. Então, viver profundamente é adentrar na vida e dar palavra ao fundo sacro que nela existe. Por não haver um a priori da vida, a razão circular opera entre várias razões e depende de dois elementos, o silêncio e a atenção que age como um vaso vazio e receptivo.

O método deve estar desde o princípio em uma certa e determinada experiência, que por sua virtude chega a cobrar corpo e forma, figura. (...) quando a vida se manifesta pura contemplação mantida em seus passos. (ZAMBRANO, 1989, p. 22).

A razão poética é um estado e não algo a ser acessado, não há materialidade. É algo, parafraseando Aristóteles, que sustenta a criação como forma e que manifesta-se em palavras pela criação. A forma, portanto, aqui representada, é como uma potência que poderá se realizar ou não. Da mesma maneira que a alma é a forma do corpo para Aristóteles, a razão poética é a forma de toda capacidade criativa do viver: o *logos*.

É a razão poética capaz de criar e recriar metáforas, sem que nada lhe falte. Sem que se deva seguir esta ou aquela fórmula. A razão poética tem um poder intrínseco de deslindar novas significações ao texto que

implicará diretamente em novos caminhos para se chegar ao real. A vida oculta do texto só poderá ser acessada por uma razão livre e primitiva. Uma razão que não está submetida e nem guiada por regras e sim manifestada na existência. Quando Zambrano fala em uma razão que acessa o real, ela não está afirmando uma razão submissa à regras ou a um valor de verdade como propôs Platão, ela nos apresenta o momento originário da criação humana, a qual ainda se preserva e que mantemos em cada um de nós a capacidade de deixá-la existir.

Ao tomarmos a razão poética como o elemento originário do fazer e do pensar humano, compreendemos que a filósofa María Zambrano elaborou uma proposta de linguagem tão ampla que é também aplicável ao fazer tradutório. Zambrano acredita que novas metáforas, e até mesmo novas significações às metáforas já há muito conhecidas, são possíveis através do que ela chama “autonomia da imaginação”. Isto se dá, quando o tradutor (ou mesmo o leitor) entra em contato com a realidade do texto e, ao ter esse contato, compreende, ou deixa iluminar, o que ali está sem manipular as palavras. Isto é, a compreensão atingida do texto, através de uma razão poética, liberta o novo texto que está a surgir. Assim, esse novo texto apresenta-se primeiro em forma de imagem que persiste no decorrer da leitura, e que, em contato com este poder libertador e criativo da razão poética, elabora em uma nova imagem – nova formulação em nova língua ou gênero literário – manifestando-se enfim em uma nova metáfora. Iluminar o texto original com a nova linguagem que está sendo traduzida oferece este *status* que muitos podem dizer que é arte, mas, para María Zambrano, é a própria poesia ou arte poética se manifestando em nova forma, ampliando a “compreensão” ao mesmo tempo que preserva a essência original e seu significado.

Diante do que foi apresentado, defendo que o método zambraniano pode ser tomado como caminho de sua tradução, uma tradução nascida de um *logos* submerso que é realimentado por sua própria fonte, a razão poética.

Teoria da Imaginação e a *práxis* tradutória

Vimos, na primeira parte deste texto, que a teoria da metáfora proposta por Paul Ricoeur inaugura, em certa medida, um novo olhar à transição entre percepção e imaginação, atribui uma inovação que é configurada

semanticamente e abre um caminho para um novo uso da linguagem, o metafórico, uso este que se apresenta de maneira distinta e ampliada ao que era empregado até então.

A metáfora permanece viva tanto tempo quanto percebemos, através da nova pertinência semântica - e de certo modo na sua espessura -, a resistência das palavras no seu emprego usual e, assim também, sua incompatibilidade no nível de uma interpretação literal da frase. O deslocamento de sentido que as palavras sofrem no enunciado metafórico, e a que a retórica antiga reduzia a metáfora, não constitui a totalidade da metáfora; é somente um meio a serviço do processo que se situa no nível da frase inteira e tem como função salvar a nova pertinência da predicação "bizarra" ameaçada pela incongruência literal da atribuição. (RICOEUR, 1994, p. 10)

Consequentemente, a inovação semântica pode ser reportada à imaginação produtora e, mais precisamente, ao esquematismo que é sua matriz de significação. A imaginação produtora apresenta novas espécies lógicas de assimilação predicativa, ou seja, ela provoca mudanças no espaço lógico ao esquematizar a operação sintética. É desse espaço que nasce a inovação semântica. O ponto de tensão está no momento de instaurar a similitude, perceber o semelhante. “A imaginação produtora, em obra no processo metafórico, é assim a competência de produzir novas espécies lógicas por assimilação predicativa, a despeito da resistência das categorizações usuais da linguagem” (RICOEUR, 1994, p. 10).

A articulação proposta por Ricoeur em sua teoria, que considera tanto a inovação semântica quanto a hospitalidade linguística, são os elementos fundamentais para sua concepção de hermenêutica, que tem como mote principal ampliar o conhecimento. Para Ricoeur (1986), a tarefa da hermenêutica, arte da interpretação, é permitir que o texto signifique em seu máximo potencial e não reduzi-lo a significar isto ou aquilo. Assim, a hermenêutica é próxima e intercambiável à poética, pela exigência que o trabalho de tradução lhe atribui e pela transferência operada por elas no processo de recontextualização, ao se transmitir o sentido de um texto de um espaço cultural para outro.

Consideramos ser este o pronto de proximidade entre a teoria da metáfora de Paul Ricoeur e o que entendemos ser a teoria da imaginação de María Zambrano. Metáforas, alegorias e mitologias são elementos

utilizados pela filósofa para construir uma linguagem amplamente aberta, cujo significado é completado em conexões com as experiências do tradutor/leitor.

Embora Zambrano comungue de um mesmo referencial que Ricoeur e, em certo sentido com Gadamer, ela vai além com o que entende ser um ato hermenêutico. Enquanto os referidos filósofos tentam endossar o pensamento heideggeriano, ao manter a condição lógica da estrutura do entendimento, a filósofa busca sua fonte em uma raiz mais profunda, a fenomenologia husserliana e a realiza com a operação de clarificação dada pela razão poética. A razão poética, no meu entendimento, se firma como uma racionalidade que é naturalmente humana e que opera poeticamente, livre das regras ou determinações lógicas. O que não a desmerece, ao contrário, preserva o frescor inicial da criação das coisas e permite que se acesse o real do texto. Enquanto Ricoeur, defende a existência de um mundo do texto separado do mundo real, Zambrano compreende a vida como a totalidade existente do real e que tem na razão poética a capacidade de trazê-lo à luz através das palavras que emanam da própria realidade.

Quando a filósofa fala de uma razão para entrar na realidade, refere-se a uma razão enamorada das coisas. Esta razão apaixonada, que é a razão poética, está ligada à vida, pois está profundamente enraizada nela. No momento em que a razão poética imerge na realidade, o mundo da alma e do existir são ligados. O momento em que a razão é tomada pela *epoché*, a mente então está liberta e a palavra que antes avizinha a coisa a ser iluminada torna-se evidente. Com a razão livre, a palavra que surge dá luz à alma.

A metáfora é uma forma de relação que vai mais além e é mais íntima, mais sensorial, que a estabelece pelos conceitos e suas respectivas relações. É análoga a um juízo, mas ainda muito diferente. Pois, ao nomear a mariposa pela orquídea, ou o inverso, não se enuncia naturalmente o juízo “a orquídea é uma mariposa”, nem a mariposa tem como qualidade própria a orquídea. Não se trata, pois, da metáfora de uma identificação nem de uma atribuição, mas em outra forma de vínculo e unidade. Porque não se trata de uma relação “lógica”, mas de uma relação mais aparente e, por sua vez, mais profunda; de uma relação que

chega a ser intercambiável entre as formas, e a alma oculta que as produz.
(ZAMBRANO, 1989, p. 120, tradução nossa⁵)

A realidade é suportar todas as palavras que dizemos. É pela razão poética que se chega ao cerne das coisas. É, em certa medida, um ato hermenêutico pelo qual o tradutor/leitor é tomado pela hospitalidade linguística através da qual opera todas as razões apresentadas por María Zambrano em *Notas de un Método*. É, sem dúvida, necessária a hospitalidade linguística apresentada por Ricoeur, mas ela é apenas um elemento inicial para a incursão a ser feita pelo tradutor.

Considerando o que foi exposto até aqui, proporemos a seguir um grande salto, o da teoria à prática. Buscaremos analisar um fragmento de texto, um poema e suas traduções, tendo como norteadores a teoria da imaginação zambraniana, através da metáfora viva de Ricoeur e buscando uma adequação pela teoria do escopo, ou seja, “um escopo específico que exige que o texto meta cumpra as mesmas funções comunicativas” (NORD, 2009, p. 218, tradução nossa⁶). Já no campo da inovação semântica, tentaremos ampliar o entendimento do texto base, para finalmente aplicar o método zambraniano, deixando a razão poética agir como dispositivo libertador da palavra até se chegar a uma poética própria de tradução. Assim, apresentamos os dois textos abaixo para ilustrar nossa análise:

Quadro 1: trecho de *Amo mi exilio*

texto-fonte	nossa tradução
En mi exilio, como en todos los exilios de verdad, hay algo sacro, algo inefable, el tiempo y las circunstancias en que me ha	Em meu exílio, como em todos os exílios, existe, na verdade, algo de sacro, algo inefável, o tempo e as circunstâncias em que fui obrigada

⁵“La metáfora es una forma de relación que va mas allá y es má íntima, má sensorial también, que la establecida por los conceptos y sus respectiva relaciones. Es análoga a un juicio, sí, pero muy diferente. Pues que al nombrar la mariposa por la orquídea, o a la inversa, no se enuncia naturalmente el juicio “la orquídea es una mariposa”, ni la mariposa tiene como cualidad propia la orquídea. No se trata, pues, en la metáfora de una identificación ni de una atribución, sino de outra forma de enlace y unidad. Porque no se trata de una relación “lógica” sino de una relación más aparente y a la vez má profunda; de una relación que llega a ser intercambiabilidad entre formas, colores, a veces hasta perfumes, y el alma oculta que los produce.”

⁶“un escopo específico que exige que el texto meta cumpla las mismas funciones comunicativas”

tocado vivir y a lo que no puedo renunciar. Salimos del presente para caer en el futuro desconocido, pero, sin olvidar el pasado, nuestra alma está cruzada por sedimentos de siglos, son más grandes las raíces de las ramas que ven la luz. Es en la obra del amanecer, trágica y de aurora, en que las sombras de la noche comienzan a mostrar su sentido y las figuras inciertas comienzan a desvelarse ante la luz, la hora de la luz en que se congregan pasado y porvenir.

a viver e a que não pude renunciar. Saímos do presente para cair num futuro desconhecido, mas sem esquecer o passado. Nossa alma está atravessada por sentimentos de séculos. São maiores as raízes que os ramos que veem a luz. É no espaço do amanhecer, **trágica aurora**, em que as sombras da noite começam a fazer sentido e as figuras ambíguas desvelam-se sob o efeito da luz, a hora iluminada em que passado e futuro se consagram.

O texto acima traduzido se refere a um fragmento da entrevista “Amo mi exilio” de María Zambrano publicado também em *A outra cara do exílio: a diáspora de 39* Universidad Complutense de Madrid. Na tradução proposta, presente no quadro 1 acima, a escolha por “trágica aurora”, que no texto original se apresenta *trágica y de aurora*, contempla seu teor filosófico ao operar uma inovação semântica. Abandonar a sonoridade poética do termo “trágico amanhecer” abrange os dois pontos da filosofia de Zambrano. “Aurora” neste sentido faz alusão ao conhecimento, metáfora também usada por María Zambrano no livro *La tumba de Antígona*. Para a autora, o termo ocupa o *status* de estado iluminado que toma Antígona toda vez que aparece. Antígona, para a filósofa, é a representação do momento anterior da separação entre filosofia e poesia. Estar nesse espaço de amanhecimento é, portanto, estar tomada por esta vocação “Antígona”, o momento de esclarecimento quando se permite olhar para trás e perceber que o passado a que se refere, esta vocação, é a própria origem da história humana, lugar em que a racionalidade

poética está intacta. É este o momento de amanhecimento do pensamento/conhecimento e que também remete ao surgimento da própria razão poética. O método, neste caso, é a própria compreensão de testemunhar esse momento trágico da vida e repleto de possibilidades de entendimento que o amanhecer da razão nos suscita.

Quadro 2: poema [5]

texto-fonte	nossa tradução
<p>[5]</p> <p>ESTOY DEMASIADO rendida para escribir, demasiado poseída. Sólo podría hacer poesía, pues la poesía es <i>todo</i> y en ella uno no tiene que escindir-se. El pensar escinde a la persona; mientras el poeta es siempre <i>uno</i>. De ahí la angustia indecible, y de ahí la fuerza y la <i>legitimidad</i> de la poesía. (ZAMBRANO, 2018, p. 31)</p>	<p>[5]</p> <p>Estou exausta demais para escrever, arrebatada ao limite. Entregue apenas à poesia, pois a poesia é <i>tudo</i> e nela o todo não se divide. O pensamento é a fenda na pessoa; enquanto o poeta é sempre <i>inteiro</i>. Daí a angústia indizível, daí a força e a <i>pureza</i> da poesia.</p>

O poema acima traduzido compõe o livro *María Zambrano: Poemas*, editado por Javier Sánchez Menéndez. Destacam-se as palavras em itálico no texto de partida, em que tem as palavras “uno” e “legitimidad” traduzidas pelas palavras “inteiro” e “pureza”, respectivamente, no texto de chegada. Para esta tradução foi considerada, principalmente, a necessidade de se preservar o sentimento inicial que a filósofa apresenta no texto original, sem perder a melodia do poema. Tentou-se com esta tradução, acomodar as palavras na mesma sensação que evoca o texto de partida, preservando não apenas significados metafóricos, mas também o ritmo e a forma possíveis para a língua portuguesa no texto de chegada. Por certo, a tradução de poesia demanda uma dose superior de hospitalidade linguística e de inovação semântica, tendo em vista não se perder, ou não proporcionar ao leitor uma fuga para outras interpretações do poema. Nesta tradução foi levada em consideração a significação das

palavras *poseída* e *legitimidad*, para que não se desviasse do caminho proposto pela filósofa, sem dar uma abertura para dubiedade em seu entendimento, visto que o poema carrega em si seu propósito maior. Por esta razão, a palavra *legitimidade* foi traduzida por “pureza”, levando em conta o referencial poético e também para não abrir a possibilidade de ser interpretada como algo no âmbito legal ou normativo, visto sua relação com a filosofia.

Traduzir Zambrano através de seu próprio caminho é, como ela mesma diz, chegar à verdade, pois “a verdade, toda verdade, sempre transcende com referência à vida” (1995, p. 10, tradução nossa⁷). Entrar na realidade, testemunhar a abertura da clareira ou encontrar a alma de seu pensamento é o que intentamos neste estudo. As escolhas feitas nesta tradução apresentam, além do arrebatamento da tradutora pelo pensamento e poética de María Zambrano, toda sua potente significação. Cada palavra que surge, ao mesmo tempo que busca o inefável proposto pela autora, cumpre o ciclo do método zambraniano: deixar que a palavra surja do próprio clarão que se abre no centro de sua expressão. Permitir que a palavra ilumine a coisa, como seu elemento essencial. A palavra passa a ser a forma da alma expressa na poética da filósofa e da tradutora, em uma comunhão essencial do caminho.

Pensar em uma arte poética aos moldes zambranianos, faz-se necessário compreender que o método proposto é autorreferente, ou seja, o método que María Zambrano delineia é o próprio caminho a se pôr em ação pela razão poética. Tal método, que não está constituído como norma, mas que é o uso prático da metáfora em toda a sua plenitude. Percorrer o caminho da tradução é fazer uso da razão poética, para que novas metáforas surjam. É ampliar e inovar a linguagem a tal ponto que ela represente o que se compreende e o que se traduz. Em outras palavras, é expor o ato hermenêutico em uma semântica própria.

O poético é uma forma de estar e de acessar o real, pensando que o real é a própria vida: a instância sacralizada pelo amor e desvelada pelas palavras. O fato de existir nesta imensa possibilidade fenomenológica, transmuta novamente a pergunta em afirmação pela simplicidade de sua compreensão: tradução é arte.

⁷“La verdad, toda verdad, es siempre trascendente con referencia a la vida”

Referências

- GADAMER, H-G. **Verdade e Método: complementos e índice**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis : Editora Vozes, 2002.
- HEIDERMAN, Werner (Org). **Antologia bilingue de clássicos da teoria da tradução**, vol 1 Alemão-Português. 2ed. revisada e ampliada. Florianópolis: NUPLITT, 2010, p. 234-248
- KEARNEY, R. Introduction: Ricoeur's philosophy of translation. In: RICOEUR. P. **On translation**. London and New York: Routledge, 2006. Translated by Eileen Brennan.
- ISER. W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 2. Tradução de Johannes Kretchmer. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NORD, Christiane. El funcionalismo en la enseñanza de la traducción. **Mutatis Mutandis**, vol. 2, n° 2, 2009, pp. 209-243.
- PORTOCARRERO, Maria Luísa. **Conceitos Fundamentais de Hermenêutica Filosófica**. Coimbra, 2010. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kyGSY> Acesso: 28 jun. 2014.
- RICOEUR. P. **La métaphore vive**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- RICOEUR, Paul. Rhétorique-Poétique-Herméneutique. In: MEYER Michel, **De la métaphysique à la rhétorique, essais à la mémoire de Chaïm Perelman avec un inédit sur la logique**. Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles, 1986, p. 143-155. Disponível em: http://digistore.bib.ulb.ac.be/2010/DL2353705_000_f.pdf. Acesso: 25 ago. 2021.
- RICOEUR, Paul. **Retórica - Poética - Hermenêutica**. In: Kínesis, Vol. XV, n° 38, julho 2023, p. 380-392. Tradução: Flavia Renata Quintanilha. Disponível em: DOI: 10.36311/1984-8900.2023.v15n38.p380-392
- RICOEUR. P. **Sur la traduction**, Paris: Bayard, 2004.
- RICOEUR. P. **Tempo e narrativa**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994. TAYLOR, George H. Understanding as Metaphoric, Not a Fusion of Horizons. 104-118. In: Francis J. Mootz III e George H. Taylor (eds.), **Gadamer e Ricoeur: Critical Horizons for Contemporary Hermeneutics**. Continuum, 2011, 297 pp.
- WEINSHEIMER, J. **Philosophical hermeneutics and literary theory**. New Haven & London: Yale University Press, 1991.
- ZAMBRANO, María. **Filosofía y poesía**. Fondo de Cultura Económica: México, 1996.

ZAMBRANO, María. **La Confesión: Género literario**. Fundación María Zambrano & Ediciones Siruela: Madrid, 1995.

ZAMBRANO, María. **Notas de un método**. 2 ed. Mondadori: Madrid, 1989

ZAMBRANO, María. **Poemas**. Edición de Javier Sánchez Menéndez. Sevilla, La Isla de Siltolá, 2018, 212 págs.

ZAMBRANO, María. Amo mi exilio. Source: Renacimiento, No. 27/30, **Las Literaturas del Exilio Republicano de 1939 (2000)**, pp. 184-185. <http://www.jstor.org/stable/40515566>. Acesso em: 28 jun. 2014.

Resumo

Partindo das reflexões de Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur e María Zambrano, este artigo explora a questão da hermenêutica filosófica na sua ligação com a tradução. Num primeiro momento, analisam-se as abordagens da fusão de horizontes de Gadamer e hospitalidade linguística de Ricoeur, mostrando de que forma a abordagem ricœuriana se afasta da visão de Gadamer e se aproxima da noção de autonomia da imaginação de María Zambrano. Num segundo momento, o qual designo como sendo “práxis tradutória”, apresentam-se trechos da tradução comentada do texto “Amo mi exilio” da filósofa María Zambrano e um de seus poemas, tendo como proposta de tradução seu próprio método.

Palavras-chave: Gadamer; Ricoeur; Zambrano; Hermenêutica Filosófica; Teoria da Imaginação.

Abstract

Taking the reflections of Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur and María Zambrano as its starting point, this paper explores the problem of philosophical hermeneutics in its connection with translation. First, it delves on the analyses of fusion of horizons by Gadamer and linguistic hospitality by Ricoeur, showing how the ricœurian approach departs from Gadamer’s view. Then, in what it dubs the “translation praxis”, it focuses on the commented translation of the text “Amo mi exilio” by the philosopher María Zambrano and one of her poems, based on the Zambranian method.

Keywords: Gadamer; Ricoeur; Zambrano; Philosophical Hermeneutics; Imagination Theory.

